

Subsídios para o uso didático do filme *O Conclave*

Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva¹
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
andreiafrazao@terra.com.br

Recebido em: 17/06/2017
Aprovado em: 15/12/2017

Resumo :

O Conclave (The Conclave) é uma produção canadense-alemã, elaborada em 2005 e lançada em 2006. Em cerca de 100 minutos, o filme retrata um conclave para a eleição de um novo papa, realizado em Roma, em 1458. Neste artigo, apresento e discuto algumas informações provenientes da historiografia que podem auxiliar a compreensão da trama do referido filme e dar subsídios para o seu uso didático, tanto em atividades de extensão como em turmas do ensino fundamental, médio e superior de diferentes disciplinas, ainda que a ênfase preferencial neste texto se volte para o campo do ensino da História. Estas reflexões se vinculam ao projeto *Idade Média: divulgação científica*, desenvolvido junto ao Programa de Estudos Medievais da UFRJ.

Palavras-chave: Cinema, Idade Média, Ensino, Extensão.

Abstract :

The Conclave (The Conclave) is a Canadian-German production, elaborated in 2005 and released in 2006. In about 100 minutes, the film portrays a conclave to elect a new pope, celebrated in Rome, in 1458. In this article, I present and discuss some information from historiography, that may assist in understanding the plot of this movie and make allowances for its didactic use, both at extension activities as in classes of different disciplines in elementary, middle or superior levels, although the preferential emphasis in this paper will be the teaching history. These reflections are associated with the project *Idade Média: divulgação científica*, developed by the Programa de Estudos Medievais at UFRJ.

Keywords : Cinema, Middle Age, Education, Extension.

Introdução

Neste artigo, apresento e discuto algumas informações provenientes da historiografia que podem auxiliar a compreensão da trama do filme *O Conclave* e dar subsídios para o seu uso didático, com a sua exposição integral ou de cenas específicas, tanto em atividades de extensão, como em turmas do ensino fundamental, médio e superior de diferentes disciplinas, ainda que a ênfase preferencial se volte para o campo do ensino da História.

Estas reflexões se vinculam ao projeto *Idade Média: divulgação científica*, desenvolvido junto ao Programa de Estudos Medievais (Pem) da UFRJ e coordenado pelos professores Leila Rodrigues da Silva, Paulo Duarte Silva e por mim. O objetivo principal deste projeto é articular ações de ensino, pesquisa e extensão, com dois eixos principais, em permanente diálogo: um que se volta para a universidade e outro direcionado à sociedade. Assim, buscamos formar professores e pesquisadores comprometidos com a realidade brasileira; promover atividades que favoreçam a reflexão acerca do presente a partir do estranhamento em relação ao passado; desconstruir as visões preconceituosas sobre o medievo, ainda visto por muitos como “Idade das Trevas”; discutir os porquês das leituras e formulações contemporâneas sobre o medievo; estimular o acesso ao rico e diversificado patrimônio cultural medieval, mesmo que por meios indiretos, como documentários, imagens, traduções, etc., e socializar o conhecimento produzido na academia de forma criativa, crítica e com a interação dos participantes.

Para alcançar tais objetivos, além da utilização dos filmes em aulas e da oferta de disciplinas específicas sobre a temática no curso de graduação em História, também são organizados eventos em espaços variados, como igrejas, escolas, universidades, centros culturais, nos quais são exibidos filmes.² Tanto nas atividades de ensino quanto nas de extensão são apresentados filmes que se inspiram em pessoas, acontecimentos ou em obras literárias produzidas no medievo ou fazem uma recriação imaginária deste período. Partindo da projeção, são propostos temas para reflexão e debate. Nas atividades externas à universidade, voltadas para o grande público, geralmente são convidados a debater com o público os mestrandos, doutorandos ou egressos. Eles articulam os conteúdos dos filmes aos de suas pesquisas individuais.

Destaco também a publicação de catálogos, nos quais são apresentados a ficha técnica e resumos dos filmes e três temas são sublinhados e discutidos, à luz da historiografia. Uma bibliografia mínima também acompanha cada ficha. Estas fichas são elaboradas por alunos de graduação e Pós-graduação vinculados ao Pem, sob a supervisão geral dos coordenadores. Dois volumes já foram publicados e o terceiro tem publicação prevista para 2017.³ O objetivo do catálogo é duplo. Por um lado, ser um instrumento de consulta para os docentes de variadas disciplinas que atuam em diversos níveis de formação, que poderão encontrar sugestões de filmes para abordar diferentes conteúdos. Por outro, alcançar os cinéfilos e interessados em geral, que por meio do catálogo terão acesso a informações sobre filmes que dialogam com o medievo, de múltiplos gêneros e produzidos em distintas datas e países.

Tais atividades têm alcançado grande êxito ao despertar o interesse pelo aprofundamento dos conhecimentos sobre o período medieval; ao provocar reflexões comparativas entre o passado e o momento atual; ao propor um olhar crítico sobre as visões contemporâneas, mormente negativas, construídas sobre a Idade Média; ao estimular o diálogo entre a pesquisa e o ensino e entre a sociedade e a universidade, para só citar alguns exemplos.

Este artigo é, ao mesmo tempo, um exercício e um convite. Um exercício, pois busca, a partir de um filme específico, sistematizar uma experiência em curso. Um convite, pois deseja que as sugestões aqui apresentadas sirvam de estímulo para a elaboração de outros materiais similares. A opção pelo *O Conclave* nasceu da minha experiência ao apresentar e debater o referido filme em duas edições do curso de extensão *Teoria Política no Cinema*, organizado pela professora Ilma Rezende Soares, como uma das atividades de extensão promovidas pela Escola de Serviço Social da UFRJ nos anos de 2011 e 2012.

O Conclave (The Conclave) é uma produção canadense-alemã, elaborada em 2005 e lançada em 2006. O diretor, Christoph Schrewe, nasceu na Alemanha. Ele dirigiu vários programas para TV, mas também filmes, como *Impacto Final (P.I. - Post Impact)*, de 2005, bem conhecido no Brasil. O roteirista, Paul Donovan, é canadense e responsável por diversos trabalhos feitos para a TV. Ele também foi o produtor da película, juntamente com Sytze van der Laan. A fotografia ficou a cargo de Mathias Neumann, que participou de várias produções para TV e cinema. O áudio original é em inglês.

Em cerca de 100 minutos, o filme retrata um conclave para a eleição de um novo papa, realizado em Roma, em 1458. *O Conclave* se inicia com a enfermidade e morte do papa anterior, Calixto III, e finaliza com a apresentação do pontífice eleito.

Neste artigo, como material de apoio para o uso didático do filme, apresento informações sobre as normas elaboradas para a realização dos conclaves no final da Idade Média, bem como dados sobre a escolha do pontífice realizada em 1458. Em seguida, a partir de menções presentes nos diálogos do filme e da historiografia, caracterizo a conjuntura da referida reunião. Em um terceiro momento, realizo um duplo exercício de interpretação em relação ao conclave em foco na película: uma que se volta para o medievo e outra para o momento de realização do filme. Por fim, proponho temas para atividades didáticas que partem do uso do material fílmico.

O conclave de 1458

No decorrer da história, a escolha dos papas foi feita de diversas maneiras. Desde o século XI, como fixou a bula *In Nomine Domine*, do papa Nicolau II, datada 12 de abril de 1059, ela passou a ser responsabilidade dos cardeais, mas ainda não haviam sido fixadas regras detalhadas sobre como esta eleição deveria ser efetuada. As primeiras normas sobre o conclave foram formuladas durante o pontificado de Gregório X e aprovadas em 1274, no segundo concílio de Lyon. Elas instituíam, em linhas gerais, que o conclave para a eleição do novo pontífice deveria acontecer na cidade em que o papa morreu, 10 dias após a sua morte, para aguardar a chegada de cardeais que, por ventura, estivessem distantes. A reunião deveria realizar-se em local fechado, sem comunicação com o exterior. É justamente esta última norma que deu origem ao nome conclave, do latim *conclave, is*, que denomina a parte de um edifício fechada à chave. Também foi ordenado que no período da eleição os cardeais não poderiam tratar de outros assuntos, salvo em casos de extrema necessidade. E, se após três dias, a escolha do novo papa não fosse efetuada, nos cinco dias seguintes os participantes receberiam somente duas refeições diárias. Se após este segundo prazo a eleição ainda não estivesse concluída, só ganhariam pão, água e vinho.

A aprovação desta normativa tinha como objetivo agilizar a eleição, que em algumas ocasiões se arrastara por anos. O próprio Gregório X só foi eleito após quase três anos de reuniões dos cardeais. Vale destacar que este regulamento foi suspenso e

retomado algumas vezes, bem como sofreu ajustes nos séculos seguintes. No filme, o conclave de 1458 segue as normas gerais aprovadas em 1274.

Diferentemente do que é apresentado em *O Conclave*,⁴ a *Enciclopédia Católica* informa que a eleição poderia processar-se por quatro formas: por *scrutinium*, ou seja, por meio de voto escrito, mas identificado com a expressão "*Ego, Cardinalis N., eligo in summum Pontificem R. D. meum D. Card. N.*"; por *compromissum*, quando a eleição não era realizada por todos os cardeais presentes, mas por uma comissão escolhida dentre o conjunto dos presentes; por *accessus*, quando um cardeal mudava seu voto, e por *cuasi-inspiratio*, quando um cardeal se dirigia ao grupo e propunha um nome por meio da expressão "*Ego eligo*".

É válido destacar que desde a eleição de Urbano VI, ocorrida em 1378, só cardeais foram eleitos como papas. Entretanto, segundo as normas eclesiásticas, qualquer homem adulto católico poderia ser escolhido, desde que não fosse reconhecidamente herege, cismático ou simoníaco.

O conclave retratado no filme, como já assinalado, ocorreu após a morte de Calixto III, falecido em 6 de agosto 1458. Seguindo as normas aprovadas em Lyon, segundo os documentos, a eleição do novo papa iniciou-se 10 dias após a morte do pontífice, no dia 16 de agosto, e terminou no dia 19. No filme, essa sequência temporal não é evidenciada.

Afonso de Borja, que após ser eleito pontífice tomou o nome de Calixto III, nasceu em uma localidade próxima a Valência. Depois de uma longa carreira eclesiástica, foi escolhido como papa aos 76 anos. Rodeou-se então de compatriotas, que assumiram diversas funções na cúria; consagrou dois de seus sobrinhos como cardeais, Rodrigo Bórgia⁵ e Luís Juan del Milà, e nomeou outro, Pere Lluís de Bórgia, como comandante-em-chefe dos exércitos papais.⁶

O filme caracteriza o referido pontífice como "espanhol". Vale destacar que esse termo era usado no final da Idade Média para denominar os habitantes da Península Ibérica. Entretanto, a Espanha ainda não se configurara como um reino unificado.⁷ Daí os demais termos utilizados para nomear os Bórgias na película, "catalão" e "aragonês", já que a família, proveniente de Valência, era de súditos do monarca de Aragão, reino que surgiu no século XI a partir do casamento do Conde de Barcelona Ramón Berenguer IV com Petronila de Aragão.

O Conclave explora certa intolerância dos habitantes de Roma em relação aos “espanhóis”. Não encontramos referências a estes eventos na bibliografia consultada. Contudo, como os papas eleitos também governavam a cidade de Roma, é provável que um pontífice considerado “estrangeiro” não fosse bem visto pela população em geral.

Segundo os documentos, em 1458 existiam 27 cardeais,⁸ mas só 18 compareceram ao referido conclave. Um dos cardeais, Domenico Capranica, faleceu dois dias antes do início da eleição. Não encontrei referências sobre os motivos da ausência dos demais. Entretanto, enfermidades; a idade avançada de alguns; o fato de estarem muitos distantes de Roma, e até o envolvimento em outras questões podem ser razões para as faltas.

Faz-se importante ressaltar que deste conclave há um testemunho privilegiado: o *Commentarii*, que foi escrito por um dos presentes, Enéias Silvo Bartolomeu Piccolomini, justamente o cardeal que foi o escolhido como papa. A obra, uma espécie de autobiografia, mas narrada em terceira pessoa,⁹ foi iniciada logo após a sua eleição. Nela são registradas as memórias da trajetória do cardeal desde as suas origens familiares e nascimento. Trata-se de um texto único, que relata diversos aspectos do cotidiano eclesiástico do século XV, especialmente o papal. Comparando o capítulo referente ao conclave, o 36 do volume 1, com o filme, verifiquei que diversas situações descritas foram incorporadas ao roteiro, o que permite concluir que o roteirista consultou tal obra. Entretanto, o fato de seguir de perto o referido relato não significa que a película reproduz o que aconteceu, já que, dentre outros aspectos, tal narração é produto da perspectiva de somente um dos presentes à eleição e, justamente, do vencedor.

No filme, nem todos os cardeais presentes são nominados e, dentre os mencionados, alguns ganham mais realce que outros. Sem dúvidas, o maior destaque recai em Rodrigo Bórgia, que, como assinalado, era sobrinho do falecido papa Calixto III. Ele nasceu próximo a Valência, por volta de 1430. Estudou em Roma e em Bologna, alcançando o Grau de Doutor em Direito.¹⁰ Na época do conclave, o primeiro em que participou, ele tinha provavelmente 28 anos. Ele fora escolhido cardeal diácono¹¹ em 1456 e vice-chanceler, ou seja, presidente da cúria romana, em 1457. Só foi ordenado sacerdote em 1471. Acumulou diversos cargos, até ser eleito como papa, em 1492, tomando o título de Alexandre VI.

Só mencionado de passagem e sem nenhuma participação na trama, Luís Juan del Milà teve uma trajetória similar a de seu primo Rodrigo: nasceu em uma localidade próxima a Valência, por volta de 1430-1432, e também estudou em Bologna. Foi eleito bispo de Seborga em 1453, e, posteriormente, foi transferido para Lérida. Também se tornou cardeal em 1456.

Outra figura de relevo na trama é Guilherme d'Estouteville. Ele nasceu na Normandia, em 1403. Era oriundo de uma família nobre, relacionada à realeza francesa. Era beneditino, cluniacense. Estudou Direito, chegando a obter o grau de Doutor. Ocupou vários cargos eclesiásticos, tanto ligados à vida religiosa quanto clerical. Foi arcebispo de Rouen. Tornou-se cardeal em 1439.

Enéias Silvio Bartolomeu Piccolomini, que, como já mencionado, foi eleito papa, ingressou na vida eclesiástica aos 40 anos, o que é realçado em uma das falas do filme. Nasceu em 1405, em uma localidade próxima a Siena. Foi autor de diversos textos, dentre eles versos, romances, orações, cartas. Conhecedor dos textos clássicos, que faz referência em suas obras, é considerado um escritor humanista.¹² Foi ordenado em 1447, quando também foi eleito bispo de Trieste. Posteriormente, foi transferido para Siena. Tornou-se cardeal em 1456.

Latino Orsini e Próspero de Colonna também têm destaque na trama por representarem duas influentes famílias romanas que possuíam um papel chave nas disputas políticas locais. Afinal, além de chefe da Igreja, como já assinalado, o pontífice possuía atribuições seculares e era responsável pelas questões temporais ligadas à cidade de Roma e a outras regiões submetidas ao seu governo, denominadas como “estados papais”.

Latino Orsini nasceu em 1410 em Roma. Desde o século XII, membros de sua família participaram do colégio de cardeais e alguns foram eleitos para o cargo pontifical. Era Doutor em Direito. Foi eleito bispo de Conza em 1438, mas foi transferido para outras dioceses no decorrer de sua carreira eclesiástica. Ocupou vários cargos ligados ao papado. Tornou-se cardeal em 1448.

Próspero de Colonna também nasceu em 1410, em Roma, em uma família cujos membros também já estavam ligados à cúria há séculos. Foi notário apostólico. Tornou-se cardeal em 1426, recebendo a diaconia de S. Giorgio in Velabro. Em 1437, tornou-se protodiácono e, como tal, tinha o papel de coroar os pontífices eleitos.

O conclave de 1458 também contou com a presença de dois cardeais de origem oriental, pois neste momento havia uma união, ainda que efêmera, entre as Igrejas Romana e Bizantina, tema que abordaremos no decorrer do texto: Bessarion e Isidoro de Kiev.

Bessarion nasceu na Grécia, em 1403. Estudou em Constantinopla e em Mistrá, um centro de cultura bizantina localizado no Peloponeso. Ingressou na vida monástica em 1423, seguindo a regra de São Basílio. Foi eleito metropolitano de Nicéia em 1437. Aceitou a união entre as Igrejas latina e grega. Tornou-se cardeal em 1439.

Isidoro de Kiev nasceu por volta de 1380-1390, na Grécia. Também foi monge seguidor da Regra de Basílio. Foi eleito arcebispo de Kiev em 1437. Também aceitou a união das Igrejas. Como Bessarion tornou-se cardeal em 1439. Participou de diversos conflitos relacionados à união das Igrejas, chegando inclusive a ser preso em algumas ocasiões e a ser destituído do cargo de metropolitano por um sínodo realizado na Rússia. Com a tomada de Constantinopla pelos turcos, foi capturado e vendido como escravo. Após recuperar a liberdade, voltou a participar da vida eclesiástica.

Juan de Mella, Alain de Coëtivy, Filippo Calandrini e Pietro Barbo também têm uma participação na trama, ainda que de forma secundária. Juan de Mella nasceu em Zamora, em 1397. Ocupou diversas funções, dentre elas, foi professor de Direito Canônico na Universidade de Salamanca. Foi eleito bispo de León em 1434 e, posteriormente, transferido para Zamora e, por fim, para Singuenza. Tornou-se cardeal em 1456. Alain de Coëtivy ou de Avignon, como é denominado na película, nasceu em 1407 na região da Bretanha. Foi eleito bispo de Avignon em 1437 e tornou-se cardeal em 1448. Filippo Calandrini, conhecido como o Cardeal de Bologna, nasceu em 1403 em Sarzana, na Península Itálica. Foi eleito bispo de Bologna em 1447 e escolhido cardeal em 1448. Pietro Barbo nasceu em 1417 em Veneza e era proveniente de uma família de ricos mercadores. Ingressou na vida religiosa após a eleição de seu tio como papa Eugênio IV. Estudou na própria corte papal. Em 1440 tornou-se cardeal diácono. Ocupou diversas funções na cúria, em pontificados sucessivos. Ele foi o sucessor de Pio II, eleito como pontífice no conclave realizado em 1464, adotando o título de Paulo II.

Não recebem qualquer destaque no filme, salvo em expressões como “velhos cardeais” ou “espanhóis”, os demais cardeais que, segundo as fontes, também estiveram presente no conclave: Giorgio Fieschi, Juan de Torquemada, Antonio Cerdà i Lloscos, Giovanni Castiglione, Giacomo Tebaldi e Tiago de Portugal. Giorgio Fieschi nasceu em

Gênova. Foi bispo de Mariana, localizada na Córsega, e depois arcebispo de sua cidade natal. Tornou-se cardeal em 1439. Juan de Torquemada nasceu em Palência em 1388. Ele era tio de Tomás de Torquemada, que alcançou fama como inquisidor. Ingressou bem jovem na ordem dominicana e chegou a obter o grau de *magister* em Teologia em 1425. Ocupou vários cargos na ordem e foi professor de Teologia em Salamanca. Foi eleito bispo em 1463, ocupando as sés de Cádiz e Ourense. Tornou-se cardeal em 1439. Antonio Cerdà i Lloscos nasceu em Mallorca em 1390. Alcançou os graus de *magister* e doutor em Teologia. Foi eleito arcebispo de Messina em 1447, sendo posteriormente transferido para Lérida. Tornou-se cardeal em 1448. Giovanni Castiglione nasceu em Milão em 1420. Foi bispo de Coutances e Pávia. Tornou-se cardeal em 1456, por solicitação do Duque de Milão. Giácomo Tebaldi nasceu em Roma. Era Doutor em Direito. Foi bispo de Montefeltro e Metropolitano de Nápoles. Tornou-se cardeal em 1456. Tiago de Portugal nasceu provavelmente em 1433, em Lisboa, no seio da família real. Tornou-se cardeal diácono em 1456. Foi arcebispo de Lisboa.

Dos 18 cardeais presentes no Conclave, acima apresentados, seis provinham da Península Ibérica, o que se relaciona, a o menos em parte, ao governo do papa recém-falecido. Basta sublinharmos a presença de dois cardeais que eram seus sobrinhos. Oito provinham da Península Itálica, mas representavam interesses diversos de cidades e famílias. Do Reino da França provinham dois Cardeais e do Oriente, outros dois.

Mesmo com as poucas informações biográficas expostas sobre esses cardeais, é possível perceber como cada um deles possuía múltiplos compromissos sociais e políticos. Além de ligações de parentesco, em muitos casos eram oriundos da mesma ordem religiosa, estudaram ou lecionaram nas mesmas escolas ou eram súditos do mesmo rei. A maioria deles permaneceu vários anos na cúria, realizando tarefas diversas, participando da vida política não só do papado, mas também da cidade de Roma e/ou de outras cidades italianas, de diversos reinos cristãos e até dos impérios ocidental e oriental.

Assim, é possível supor que, durante o conclave, todos estes compromissos e relações foram fatores que influenciaram os confrontos e as alianças em torno da escolha do pontífice. Tradicionalmente eleito entre seus pares – o restrito grupo de cardeais –, o papa, além de atribuições religiosas, assumia tarefas políticas e administrativas. A construção do consenso em torno de um nome, mesmo que todos

concordassem que provinha de uma inspiração divina, não era, portanto, uma tarefa simples.

Referências históricas presentes no filme

Como *O Conclave* retrata um evento do passado, diversos aspectos daquela conjuntura são referenciados no decorrer da trama. A seguir, traçarei algumas considerações, fundamentadas na historiografia, citada na bibliografia final, sobre as menções ao contexto histórico presentes nos diálogos do filme.

1. grande cisma (1378-1417) e a crise conciliar (1417-1449)

Em uma das falas de Guillaume d'Estouteville, ele menciona um período negro, cerca de 40 anos antes, quando a Igreja ficou dividida entre dois papas. Este período é chamado pelos historiadores como Grande Cisma. Esta crise iniciou-se em 1378, com a eleição de dois papas: Urbano VI, que se instalou em Roma, e Clemente VII, apoiado pelo rei da França, em Avignon. Os fiéis, incluindo o colégio de cardeais, ficaram divididos na obediência aos dois papas. A crise prolongou-se, pois, após a morte dos eleitos, os cardeais que os apoiavam elegeram seus sucessores.

Nas tentativas de sanar a situação, houve um período com até três papas simultâneos. A questão só chegou ao fim em 1417, quando, durante o Concílio de Constança, os então papas João XXIII, Gregório XII e Benedito XIII foram destituídos do cargo pontifício e foi eleito Martin V.

As querelas relacionadas ao Grande Cisma suscitaram um debate sobre os limites da autoridade papal e sobre quem, de fato, deveria liderar a Igreja. Várias teorias foram propostas e foi ganhando força a ideia de que um concílio universal, que representasse os fiéis de todas as dioceses, deveria ter mais autoridade que o papa. Esta ideia foi consolidada no citado concílio de Constança, por meio do decreto *Sacrosanta*, de 1415, que declara:

(...) este mesmo concílio, assembleia legítima no Espírito Santo, formando um concílio geral e representando a Igreja Católica militante, tem seu poder imediatamente de Cristo, e cada um, independente de seu estado ou posição, ainda que seja de dignidade papal, está obrigado a obedecê-lo em todas as coisas que se relacionam à fé e à cura do dito cisma e para a reforma geral da Igreja de Deus, em sua cabeça e membros.¹³

Este período de cerca de três décadas em que a Igreja foi liderada pelo concílio é denominado de Crise Conciliar. Após o concílio de Constança, que durou quatro anos, foram realizados os de Pávia, em 1423, e de Basiléia, que se iniciou em 1431, mas se prolongou por anos até sofrer um cisma: parte da assembleia foi transferida para Ferrara e depois para Florença, por iniciativa papal, e parte manteve-se em Basiléia. Com o desgaste do concílio de Basiléia e sua dissolução, o papado recuperou seu papel de cabeça da Igreja Romana.

2. A expansão turca e a união das igrejas romana e bizantina

Outro aspecto que é mencionado diversas vezes no filme é a chamada conquista de Constantinopla pelos turcos e a união das igrejas latina e grega. A expansão turca iniciada no século XIV a partir da Ásia menor, no início do século XV, avançava em direção ao já reduzido Império Bizantino.¹⁴ Desta forma, buscou-se uma aproximação com o Ocidente cristão que, dentre outras ações, redundou na aprovação, em 1439, durante o Concílio de Basiléia-Ferrara-Florença, já mencionado, de um decreto de união entre as igrejas latina e grega. O decreto, além de firmar um acordo quanto às questões doutrinárias que dividiam as igrejas, instituiu que o papa possuía a primazia sobre toda a terra.¹⁵ Vários eclesiásticos gregos aceitaram o acordo e, como os já citados Isidoro de Kiev e Bessarion, transferiram-se para o Ocidente e incorporaram-se à igreja latina, ocupando diversos cargos e, em alguns casos, tornando-se cardeais. Contudo, nem todos concordaram e iniciaram uma resistência a esta união.

O decreto não foi suficiente para mobilizar o Ocidente para apoiar o Império Bizantino, que, no ano de 1453, foi efetivamente conquistado pelos turcos. Este ano, emblemático, ficou consagrado na tradição historiográfica como o marco final da Idade Média. Vale destacar que a retomada de Constantinopla foi uma das preocupações centrais do papa Calixto III, bem como do eleito Pio II, que chegou a escrever uma carta ao sultão Maomé II, convidando-o a converter-se ao cristianismo.¹⁶

3. O reino de Nápoles

Os conflitos relacionados ao Reino de Nápoles também são explicitamente mencionados no filme em diversas cenas. Desde 1443, Nápoles estava efetivamente sob o domínio do rei de Aragão, Afonso V. Ele não só recebeu apoio da nobreza local, como também do próprio pontífice Eugênio IV. Vale destacar que o Reino de Nápoles era um feudo concedido pelo papado.

Por sua posição geográfica, Nápoles era fundamental para o desenvolvimento do comércio no mediterrâneo. E como o Reino de Aragão, desde o século XIII, voltou-se para a constituição de uma ampla rede de comércio na região, o controle de Nápoles era estratégico. Entretanto, o reino em questão era, como assinalado, um feudo concedido pelo pontífice. Assim, era necessário manter uma política de aproximação, não de confronto, com o papado. Além disso, como a área havia sido concedida anteriormente à Casa de Anjou, que governou Nápoles por cerca de quase dois séculos até a conquista dos aragoneses, o Reino da França também possuía pretensões de controlar esta área geográfica.

Afonso V morreu sem descendência masculina legítima em junho de 1458, ou seja, um pouco antes da morte de Calixto III e da realização do conclave em tela. O tema do controle de Nápoles, portanto, foi um dos aspectos que, certamente, ocupou a atenção dos cardeais presentes e foi levado em conta na escolha do novo papa.

4. O Humanismo e o Renascimento

O século XV é identificado como o momento do desenvolvimento do humanismo e do renascimento. Contudo, como indicam alguns autores, o uso de tais termos tem despertado diversos debates. Em linhas gerais, podemos definir estes movimentos como um conjunto de correntes filosóficas, literárias e artísticas que irá valorizar o homem, sua beleza e criações, bem como a estética e os textos clássicos. A despeito das eventuais críticas, tais movimentos não se desenvolveram em oposição à Igreja. Vários pensadores humanistas eram eclesiásticos, como o próprio Piccolomini, bem como o papado foi um de seus promotores, patrocinando obras arquitetônicas, pinturas, esculturas, traduções e cópias de textos diversos.

Para Eamon Duffy,¹⁷ dentre outros aspectos, estes movimentos foram impulsionados com a união das igrejas latina e grega, já sublinhada. Ele afirma, por exemplo, que, com o estabelecimento de Bessarion no Ocidente, vários estudiosos gregos também se transferiram em busca de patrocínio, ocupando um papel decisivo na difusão da tradição clássica em Roma, sobretudo sob o governo de Nicolau V, papa antecessor de Calixto III. Ainda segundo o historiador, neste período foram reunidos mais de mil livros em grego e latim, que formaram o núcleo da atual Biblioteca do Vaticano.

As referências ao humanismo e ao renascimento no filme não são tão explícitas, figurando de forma pontual. Por exemplo, quando Rodrigo informa a seu irmão Pedro sobre a decisão de ficar em Roma, ele retruca perguntando se ele ficaria esperando o conclave sentado e lendo poesia. Outra referência está na crítica, feita pelo personagem d'Estouteville, ao nome dado a Piccolomini por seus pais: “Veja que nome ridículo seus pais lhe deram: Sylvius Aeneas Piccolomini, como se dando-lhe este nome transformaria o imbecil em um moderno Virgílio!”. Por fim, a oposição, feita em uma das falas deste mesmo personagem, entre o momento em que viviam e o período anterior, hoje denominado Idade Média, caracterizado como “escuro e primitivo mundo de superstição”. Vale sublinhar, contudo, que esta dicotomia entre renascimento e medievo é fruto de construção posterior.

Interpretações sobre o conclave de 1458 e a película O Conclave

O Conclave se centra em um episódio do passado, que nos é conhecido por meio de documentos que foram preservados. Contudo, é importante ressaltar que apresenta uma perspectiva sobre tal acontecimento distinta da elaborada pelos historiadores. A película é uma reconstrução do que teria acontecido, por meio audiovisual; condensada; as ações são encenadas, não narradas, e para as quais são criados diálogos, situações e cenários, pautados em critérios estéticos; tem como principal meta entreter o público, e dialoga com o presente. Sem dúvidas o filme apresenta uma versão do que passou, interpretando-o, mas que é distinta, reafirmo, da elaborada pelo historiador.

No trabalho historiográfico, a aproximação e a interpretação do passado são mediadas e controladas pelas evidências presentes nas chamadas fontes primárias; pelo

diálogo com outros historiadores; pelo uso de teorias e métodos de pesquisa, e tem como principal meta a produção de conhecimentos sistematizados sobre o que passou.

Partindo do pressuposto de que o conclave de 1458 foi um evento religioso e político, do qual participaram pessoas que possuíam múltiplas conexões e compromissos sociais, e que só foi finalizado quando houve um consenso em torno de um personagem, fruto de muitas negociações, apresentamos, a seguir, a nossa interpretação para a eleição de Pio II.

Segundo a historiografia, a eleição papal de 1458 foi realizada em um período em que a Igreja se reorganizava, após o cisma e a proeminência das perspectivas conciliares, já mencionadas no item anterior. A própria cidade de Roma, que estivera praticamente abandonada por décadas, era alvo de reformas seguindo os modelos arquitetônicos pautados no mundo clássico, como sublinhado. O momento também foi de leitura e retomada dos textos greco-romanos, movimento do qual participaram muitos eclesiásticos, entre eles os cardeais, e o próprio papado, que reuniu obras antigas diversas.

A eleição também ocorreu em um momento em que as monarquias europeias fortaleciam-se e se confrontavam com as pretensões universalistas do papado. Desta forma, o papado configurava-se, cada vez mais, como um reino atento às suas questões internas e ao diálogo com as outras instâncias políticas, do que como um líder que dirigia toda a cristandade. Ou seja, o papado concentrava-se nas questões eclesiásticas, no gerenciamento dos chamados estados papais e no estabelecimento de alianças, voltando suas pretensões universais para a retomada de Constantinopla.

Outra característica que marca o papado no período é a presença de membros de grandes famílias aristocráticas na cúria. Com a nova configuração política, atividades como a diplomacia e a guerra tornaram-se necessárias e exigiam homens letrados, versados, sobretudo, em Direito, para negociar em meio aos confrontos e estabelecer acordos com os diversos outros líderes da Europa. Ter membros participando da política papal poderia trazer prestígio às famílias, em particular as romanas.

Neste mesmo sentido, por meio de casamentos, eram seladas alianças com membros de famílias que atuavam na cúria, que garantiam, em muitos casos, intervenções a seu favor. Ainda relacionado a este aspecto, destaca-se, também, a presença de parentes próximos no colégio de cardais, outra estratégia política para garantir que certos grupos se perpetuassem na liderança. Nesse jogo político, quanto

mais o papado renunciava suas pretensões universalistas e ganhava uma configuração monárquica, mais os cardeais dependiam dos papas. Desta forma, os conclaves tornaram-se tão importantes, porque eram uma ocasião para refazer alianças e garantir a preeminência de certa família sobre outra.

É possível propor uma explicação historiográfica para a escolha de Piccolomini à luz deste contexto: como nenhum grupo conseguiu se impor em relação aos demais, ele foi considerado a melhor opção no momento, por garantir certo equilíbrio político. Ele não representava os interesses do reino da França nem os de Aragão. Apesar de proveniente da península itálica, não estava vinculado às famílias romanas nem às das cidades mais influentes e ricas, como Gênova e Veneza. Assim, é possível supor que, para além das questões de caráter religioso, houve um entendimento de que era mais interessante escolher um papa que não representasse de forma explícita os interesses de um único grupo, mas alguém que pudesse privilegiar um ou outro, em função do equilíbrio político.

Como Piccolomini também era um reconhecido humanista, sua eleição igualmente pode ter sido considerada pelo grupo de cardeais presentes na reunião como uma garantia de que a restauração de Roma, a promoção da cultura clássica e a reconquista de Constantinopla seriam pontos principais de seu programa pontifício.

Mas, por que fazer um filme sobre um evento ocorrido há tantos séculos? Como a retomada da eleição de um pontífice no final da Idade Média pôde interessar e fazer sentido para o grande público no início do século XXI? *O Conclave* fez-se atual porque dialoga ao menos com dois eventos contemporâneos à sua produção e lançamento, mesmo que não tenha sido de forma deliberada. Ou seja, ainda que a ideia de abordar uma eleição papal ocorrida ao final do medievo não tenha sido motivada diretamente por acontecimentos da primeira metade da década de 2000, é possível identificar aspectos do filme que possuem vínculos com aquela conjuntura.

O primeiro deles é a eleição de Bento XVI, ocorrida em 2005. Após mais de 30 anos sem a realização de um conclave, o tema voltou a despertar a atenção da mídia, dos fiéis, da opinião pública em geral e dos analistas políticos. Considerado um papa conservador, segundo diversos especialistas, os desafios que se apresentavam ao pontífice eleito na ocasião eram, principalmente, captar novos fiéis e descentralizar e desburocratizar uma igreja que, apesar de internacional, mantinha as decisões nas mãos de um pequeno grupo no Vaticano.

O Conclave, embora recrie uma eleição ocorrida no século XV, apresenta de forma didática os procedimentos da escolha de um novo papa, buscando retratar o ambiente de tensão e negociações que, certamente, marcam tais ocasiões. De certa forma, poderia responder a curiosidade de muitos que acompanharam a eleição de Bento XVI pela imprensa, mas que gostariam de saber um pouco mais sobre o tema. O filme também pode ser visto como um convite para reflexões sobre os motivos que teriam levado a escolha do alemão Joseph Alois Ratzinger como papa. Não podemos esquecer que o diretor da película também é alemão...

O segundo é o novo olhar do Ocidente sobre o Oriente muçulmano após os atentados ocorridos nos Estados Unidos em 2001, em Madrid, em 2004, e em Londres, em 2005. A ameaça de um novo ataque muçulmano, ainda muito presente no momento de produção do filme, parece ecoar a todo o tempo no roteiro, a começar pela frase inicial: “Roma. Ano 1458, D.C., 733 depois que os mouros invadiram a Espanha. 271 anos desde que os muçulmanos reconquistaram Jerusalém e 5 anos depois da queda de Constantinopla para os Otomanos”.

Em uma das cenas do filme, Bessarion fala: “Se a cidade não for recuperada, a corja do Islã invadirá a Europa, e toda nossa civilização estará perdida. Retomar a cidade não é assunto de interesse deste Conclave, mas é o único assunto que importa para o futuro do mundo cristão”. O personagem apela para que o Ocidente se una contra os turcos que conquistaram Constantinopla, pois o futuro da civilização ocidental estava em jogo. Tal discurso está em harmonia com as iniciativas de combate ao terrorismo, implantadas em diversos países após os referidos atentados.

Esta polarização, cristãos *versus* muçulmanos, presente na película não significa que se trata necessariamente do ponto de vista defendido pelo roteirista, mas realça uma atitude que se tornou hegemônica no Ocidente no período: o muçulmano é o “outro”, que, devido ao seu fundamentalismo, ameaça os valores e o estilo de vida ocidental. Esta é, sem dúvidas, uma atitude perigosa, já que generaliza o olhar sobre o mundo islâmico e legitima as ações militares e políticas realizadas na ocasião, em muitos casos ferindo acordos internacionais e os direitos humanos.

Como peça artística submetida a constantes ressignificações e valorizações, o filme continua a dialogar com os novos acontecimentos, como a renúncia de Bento XVI e a eleição de um novo papa, em 2013, bem como as novas ondas de atentados na

Europa a partir de 2015.¹⁸ Esses eventos suscitam a atenção das novas gerações sobre tais temas, trazem novas questões para o debate e renovam o valor didático do filme.

O Conclave, mesmo destacando as intrigas que culminaram na eleição de Pio II, acaba realizando uma leitura muito otimista sobre a instituição papal e a própria civilização ocidental. Ao final, quando há um novo papa eleito, todos reconhecem a sua santidade e o clima de tranquilidade e esperança é restaurado. Desta forma, o filme parece defender que não só a Igreja é capaz de superar as suas diferenças internas, como o Ocidente é capaz de perpetuar-se, mesmo sob os ataques do “Outro”, ao reafirmar seus valores.

Ao voltar-se para o passado, a historiografia e a ficção cinematográfica dialogam com o presente, baseiam-se na leitura de documentos e da própria historiografia, e propõem versões para o que ocorreu. Entretanto, o objetivo final do filme é narrar um acontecimento seguindo a critérios estéticos, a fim de entreter o seu público. Quanto à história, ela busca elaborar um conhecimento sobre o que passou, pautado em pressupostos teóricos e com a utilização de métodos específicos. Essas perspectivas, a despeito de suas particularidades, podem apresentar convergências e divergências, bem como dialogar entre si, e, de formas diferenciadas, contribuir para ampliar o interesse sobre o medievo.

Sugestões didáticas

A partir da exibição de *O Conclave*, várias atividades podem ser desenvolvidas em diversos campos do conhecimento. As sugestões que apresento aqui podem ser divididas em três blocos: as que buscam elucidar questões relacionadas ao período abordado no filme; as que propõe uma reflexão sobre os diferentes usos do passado e as que privilegiam a relação com o presente. Como já sublinhado, a maioria das sugestões se articula ao ensino de História, mas, na medida do possível, apresento algumas que podem ser utilizadas em outras disciplinas.

Vários temas relacionados ao fim do medievo e início da modernidade podem ser estudados tomando como ponto de partida o filme. Assim, após a projeção de *O Conclave*, pode-se pedir à plateia que apresente as características perceptíveis sobre o período no filme ou ainda que levante aspectos que não foram claramente esclarecidos no roteiro. A partir daí, se for uma atividade de extensão, um ou mais debatedores

podem comentar os aspectos levantados. Se a atividade for realizada com uma turma, pode-se subdividir o grupo, distribuindo entre eles temas para serem aprofundados em pesquisas em livros ou na internet, para, posteriormente apresentarem os resultados aos colegas. Se o filme for utilizado em turmas de licenciatura, pode-se solicitar que sejam feitas fichas com dados técnicos e registro de conteúdos didáticos que podem ser abordados com sua exibição.

O filme também pode ser uma forma de introduzir uma discussão sobre a recomposição das forças políticas ao final da Idade Média e início da Modernidade: as transformações na Igreja Romana, a formação dos Estados Nacionais, a Organização do Império Otomano. Em uma atividade extensionista, este aspecto pode ser pontuado antes da exibição, a fim de que o público possa estar atento a este elemento no decorrer do filme. Após a exibição, o comentador, a partir dos dados apontados, pode desenvolver a temática. Se for uma atividade de ensino, um texto historiográfico sobre a questão pode ser sugerido como leitura preparatória ou complementar à exibição da película, a fim de subsidiar o debate sobre a questão.

É possível, a partir do filme, como atividade de ensino, fazer um trabalho com fontes históricas. Por exemplo, pode-se propor a leitura e discussão da carta de Pio II ao sultão ou de partes do seu diário e realizar um trabalho de interpretação historiográfica, levando em conta o contexto específico de sua produção. Também podem ser apresentados aos alunos, ou solicitado que procurem e compartilhem com os demais, imagens de obras artísticas e trechos de livros produzidos no século XV associados aos movimentos humanista e renascentista. É possível fazer um exercício no qual aspectos desses movimentos possam ser identificados por meio desses materiais. Uma variação desta atividade é propor comparações entre obras do humanismo e do renascimento com as produzidas em outros períodos históricos, como o centro-medieval, propondo conteúdos que vão além dos abordados no filme.

Estimulando a produção escrita e a compreensão do contexto de transição do medieval para a modernidade, outra sugestão é pedir para que os alunos, individualmente ou em duplas, escolham um personagem do filme que tenha participado do conclave e, seguindo o exemplo de Piccolomini, elaborem uma proposta de diário que o tal personagem poderia ter feito. Por meio da construção de um relato ficcional sobre a reunião, pode-se atentar para as questões políticas, econômicas e sociais do período, e refletir sobre as negociações e pertencimentos sociais dos

participantes no conclave em tela. Este recurso pode ser usado em todos os níveis escolares.¹⁹

As questões geopolíticas também podem ser exploradas. Por exemplo, na confecção de mapas históricos que apontem os principais espaços políticos do período e citados no filme -Nápoles, França, Aragão, Império Bizantino, etc. – e quais relações políticas, econômicas e militares estabeleceram entre si no período. Ainda com o uso de mapas, é possível registrar o avanço turco em direção à Europa nos séculos XV e XVI. Se o uso do filme for em uma atividade de extensão, os mapas podem ser projetados e os espaços indicados pelo debatedor.

Um exercício de reflexão interessante, tanto em aulas como eventos de extensão, é relacionar os eventos apresentados na película com outros que ocorreram na mesma conjuntura e não são referenciados em *O Conclave*, como a expansão marítima da Europa Ocidental e as primeiras manifestações de reforma religiosa. Pode-se pedir ao público que indique as ausências.

Mas também é possível elaborar um diálogo entre a perspectiva do filme sobre o conclave de 1458, e o uso possível deste evento do passado por diferentes campos do conhecimento. Assim, pode-se realizar uma comparação entre o filme e um texto historiográfico – que pode, inclusive, ser um livro didático ou paradidático – apontando as diferenças entre as duas formas de retratar o que passou. Pensando mais na perspectiva da ciência política, pode-se contrapor o evento narrado no filme a textos mais teóricos sobre eleições, disputas políticas e conflitos de interesse.

Por fim, buscando dialogar com o presente, pode-se fazer uma comparação entre o contexto vivido em 1458 e o das últimas eleições papais para, a partir daí, destacar as transformações processadas na Igreja de Roma. Dependendo da série e da idade dos alunos, é possível pedir que façam pesquisas na internet de notícias sobre a eleição dos dois últimos papas e, inspiradas nelas, possam compor uma reportagem sobre a eleição de Pio II, que pode ser elaborada por escrito ou apresentada oralmente. Também é possível propor que os espectadores do filme façam o exercício de responder, como fizemos acima, a pergunta: por que retomar em um filme realizado em 2005 um episódio ocorrido a mais de 500 anos atrás? Reflexões sobre o comportamento social e psicológico de um grupo isolado e em disputa também podem ser desenvolvidas a partir desta película.

Considerações finais

Não esgotei, com minhas sugestões, as múltiplas possibilidades de explorar didaticamente o filme *O Conclave*. Certamente muitas outras atividades podem ser criadas. Ao planejá-las, porém, é importante ter em mente os objetivos que deseja alcançar; o tempo e os materiais e recursos disponíveis; os conteúdos que se quer trabalhar e as habilidades cognitivas que busca estimular, sempre levando em consideração a idade, o tamanho do grupo, o nível de formação, o tipo de evento, etc.

As películas, com o seu referencial visual, o grande número de aspectos que veicula, direta e indiretamente, e seu potencial de sintetizar tramas, podem ser importantes aliados dos educadores. Esse recurso didático tem se tornado cada vez mais barato e acessível e efetivamente funciona como um meio para incentivar os alunos a aprender mais, sobretudo porque também é uma forma de lazer.

Referências Bibliográficas

- ALBERIGO, Giuseppe, MELLONI, Alberto (ed.). *Conciliorum oecumenicorum generaliumque decreta*: editio critica. Turnhout: Brepols, 2013. 4v. V.2/ T. 2.
- ADY, Cecilia M. *Pius II (Aeneas Silvius Piccolomini), the Humanist Pope*. Londres: Methuen, 1913.
- ALVES, Catharina E. Rodriguez. Humanismo: definições e interpretações histórico-filosóficas. *Revista Científica SER - Saber, Educação e Reflexão*, Agudos, p. 45 - 55, p. 2008.
- CASTRO ZAFRA, Antonio (ed.) *Pio II. Así Fui Papa*. Madrid: Merino, 1989.
- CONCLAVE of August 16 - 19, 1458. (Pius II)*. Disponível em <www2.fiu.edu/~mirandas/conclave-xv.htm#1458>. Último acesso em 20/06/17.
- CONCLAVE, THE*. Disponível em <<https://www.theconclave.org/>>. Último acesso em 20/06/17.
- CONCLAVE*. Enciclopédia Católica. Disponível em: <<http://ec.aciprensa.com/wiki/C%C3%B3nclave#.U1-xdPldWpc>>. Último acesso em 20/06/17.
- COUNCIL OF CONSTANCE: Sacrosancta, 1415*. Disponível em <<https://sourcebooks.fordham.edu/source/constance1.asp>>. Último acesso em 20/06/17.
- DEFINITIO Sanctae Oecumenicae Synodi Florentinae*. Disponível em <<http://catholictube.ru/media/document/925.pdf>>. Último acesso em 20/06/17.
- DUFFY, E. *Santos e Pecadores: História dos Papas*. São Paulo: Cosac & Naify, 1998.

- FOLHA ON LINE. Novo papa herda igreja centralizada e internacional. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2005/novopapa/0006.shtml>>. Último acesso em 20/06/17.
- GONZÁLEZ CASTRILLO, Ricardo. La epístola de Pío II a Meumed II en versión castellana. *Anaquel de Estudios Arabes*, Madrid, n. 11, p. 333-338, 2000.
- HECK, A. van. (Ed.) *Commentarii rerum memorabilium que suis temporibus contigerunt*. Città del Vaticano: Biblioteca Apostolica Vaticana, 1984. 2v.
- IN NOMINE DOMINE, do papa Nicolau II, em 12 de abril de 1059. Disponível em inglês em <[http://www.documentacatholicaomnia.eu/01p/1059-04-12,_SS_Nicholaus_II,_Bulla_'In_Nomine_Domine'_\[Papal_Version\],_EN.pdf](http://www.documentacatholicaomnia.eu/01p/1059-04-12,_SS_Nicholaus_II,_Bulla_'In_Nomine_Domine'_[Papal_Version],_EN.pdf)>. Último acesso em 20/06/17.
- MESERVE, M., SIMONETTA, M. (Ed.). *Commentaries*. Cambridge: Harvard University Press, 2003.
- MITRE FERNÁNDEZ, Emilio. Entre el diálogo y el belicismo: dos actitudes ante el turco desde el Occidente a fines del Medievo. *Hispania Sacra*, Madrid, v. 62, n. 126, p. 513-538, 2010.
- NADAL CAÑELLAS, Juan. La permanencia de Rodrigo de Borja (Alejandro VI) en el Estudio de Bolonia, según los documentos originales. *Acta historica et archaeologica mediaevalia*, Madrid, n. 27-28, p. 173-208, 2006-2007.
- QUEIROZ, Teresa Aline Pereira de. *O Renascimento*. São Paulo: Edusp, 1995.
- SECOND COUNCIL OF LYONS (1274). Disponível em <<http://www.legionofmarytidewater.com/faith/ECUM14.HTM>>. Último acesso em 20/06/17.
- THE CONCLAVE. *Legendas Português-BR*. Disponível em <<http://www.opensubtitles.org/pb/subtitles/3125767/the-conclave-pb>>. Último acesso em 20/06/17.
- TOTARO, Luigi (Ed.). *I commentarii/ Enea Silvio Piccolomini Papa Pio II*. Milano: Adelphi, 1984.
- VILA-CHÃ, João J. Renascimento, Humanismo e Filosofia: considerações sobre alguns temas e figuras. *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, v. 58, n. 4, p. 739-771, 2002.

¹ Professora de História Medieval do Instituto de História e do Programa de Pós-graduação em História Comparada da UFRJ (Titular - DE), Pesquisadora CNPq nível 2 e Bolsista Cientista do Nosso Estado-Faperj.

² Uma listagem das atividades promovidas e já realizadas pelo Pem pode ser consultada em <<http://www.pem.historia.ufrj.br/eventosrealizados.html>>. Acesso em 19/06/2017.

³ O volume I está disponível em <<http://www.pem.historia.ufrj.br/arquivo/CatalogoFilmico.pdf>>. Acesso em 19/06/2017. O volume II só foi publicado em versão impressa.

⁴ O filme, em uma das falas de d'Estouteville, apresenta cinco formas de eleição: "comité", "inspiração", "adoração", "escrutínio" e "acordo".

⁵ Bórgia é a forma italianizada do nome ibérico Borja.

⁶ DUFFY, E. *Santos e Pecadores: História dos Papas*. São Paulo: Cosac & Naify, 1998. p. 148.

⁷ A união das coroas de Castela e Aragão só ocorreu após o casamento de Isabel e Fernando, em 1479.

⁸ A lista completa de cardeais presentes e ausentes ao conclave de 1458, com uma breve biografia de cada um, encontra-se disponível em <<http://www2.fiu.edu/~mirandas/conclave-xv.htm#1458>>. Último acesso em 20/06/2017.

⁹ O narrador apresenta Piccolomini como um dos personagens da trama. Assim, após narrar sobre a sua família no capítulo 1 do livro 1, inicia o capítulo 2 com o seu nascimento: "Enéias recebeu o nome de seu pai, Silvio, e também um terceiro nome em honra a Bartolomeu, o apóstolo que foi esfolado pelos bárbaros indianos. Deste modo ele ficou conhecido como Enéias Silvio Bartolomeu. Ele nasceu na madrugada do dia de São Lucas, 18 de outubro de 1405". Tradução feita pela autora a partir da edição bilíngue latim-inglês de Meserve e Simonetta.

¹⁰ Cf. NADAL CAÑELLAS, Juan. La permanencia de Rodrigo de Borja (Alejandro VI) en el Estudio de Bolonia, según los documentos originales. *Acta historica et archaeologica mediaevalia*, Madrid, n. 27-28, p. 173-208, 2006-2007.

¹¹ No século XV, os cardeais poderiam ser sacerdotes ou diáconos. Ao tornarem-se cardeais, os sacerdotes passavam a ser responsáveis por uma igreja situada em Roma e os diáconos assumiam funções relacionadas a este grau hierárquico em uma dessas igrejas. Assim, Rodrigo, ao tornar-se cardeal, assumiu a diaconia na Igreja de S. Nicola in Carcere. Seu tio, Afonso Borja, foi sacerdote titular de Santi Quattro Coronati. No texto, indico quais eram cardeais diáconos. Todos os demais eram cardeais sacerdotes.

¹² Cf. o estudo clássico sobre o tema: ADY, Cecilia M. *Pius II (Aeneas Silvius Piccolomini), the Humanist Pope*. Londres: Methuen, 1913.

¹³ Tradução feita pela autora a partir do texto em inglês.

¹⁴ No decorrer do medievo, as regiões orientais do antigo Império Romano foram alvo de conquistas de povos diversos. Desta forma, houve uma crescente perda de territórios. No início do século XV, o Império Bizantino limitava-se a poucas áreas do sul da península balcânica.

¹⁵ O decreto institui: "*item diffinimus sanctam apostolicam sedem et Romanum pontificem in universum orbem tenere primatum*". Tradução da autora: "Também definimos que a Santa Sé e o Pontífice Romano possuem primazia sobre o mundo inteiro". O decreto está publicado, em latim, em ALBERIGO, Giuseppe, MELLONI, Alberto (ed.). *Conciliorum oecumenicorum generaliumque decreta*: editio critica. Turnhout: Brepols, 2013. 4v. V.2/ T. 2, p. 1217.

¹⁶ Esta carta foi publicada por GONZÁLEZ CASTRILLO, Ricardo. La epístola de Pío II a Meumed II en versión castellana. *Anaquel de Estudios Arabes*, Madrid, n. 11, p. 333-338, 2000.

¹⁷ DUFFY, op. cit., p. 137.

¹⁸ Entre o atentado em Londres em 2005 e o múltiplo ataque em Paris em novembro de 2015, há notificação de dois outros incidentes: em março de 2012 houve ataques em Toulouse e Montauban, quando três militares, três crianças e um professor na escola judaica Ozar Hatorah foram mortos a tiros por Mohamed Merah; em maio de 2014, em Bruxelas, foram disparados tiros na entrada do museu judeu, que mataram quatro pessoas. Cf. <http://www.jn.pt/mundo/interior/cronologia-atentados-na-europa-atribuidos-aos-movimentos-islamitas-5089588.html> Acesso em 20/06/2017.

¹⁹ Já usei este recurso em diferentes disciplinas da Graduação, inclusive em avaliações, com uma excelente aceitação pelos alunos que, de uma forma mais divertida, conseguem demonstrar seu conhecimento do conteúdo ministrado.